Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Terminografia Didática Bilíngue e Visual Português-Libras como um Instrumento Semiótico de Apoio à Aprendizagem de Estudantes Surdos

Ana Laura Frangueli de Oliveira

anafrangueli@gmail.com

Orcid: 0009-0000-4713-3087

Diego Alexandre Hackl

diegohackl@ufgd.edu.br
Orcid: 0009-0007-3990-8330

Resumo: *O presente trabalho de Pesquisa Aplicada, de abordagem qualitativa, analisa o potencial da Terminografia Didática Bilíngue e Visual (português/ Libras) como ferramenta de consulta e apoio à memória de termos curriculares do ensino médio, auxiliando na autonomia linguística do estudante surdo. A pesquisa surge da lacuna de materiais terminológicos adequados que dificulta a mediação linguística e a compreensão de conceitos especializados por alunos surdos. A metodologia adotou o Estudo de Caso Descritivo para analisar um Glossário Terminológico (GT), um produto técnico desenvolvido pela pesquisadora a partir de sua experiência como intérprete. A análise da microestrutura foi sustentada pela Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) de Cabré e pela Mediação Semiótica, de Vygotsky. Os resultados evidenciaram que o GT se constitui como um eficaz instrumento semiótico por meio da tripla codificação, sendo o Componente Cognitivo, o Componente Linguístico e o Componente Sociocomunicativo. Por fim, conclui-se que o GT, ao consolidar o conhecimento curricular de forma acessível e visual, possui um potencial promissor na redução da distância cognitiva e no fortalecimento da autonomia linguística e social do estudante, otimizando também a preparação e a precisão terminológica do professor intérprete.*
Palavras-chave: *Terminografia Didática Bilíngue; Libras; Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).*

Abstract: *This Applied Research work, with a qualitative approach, analyzes the potential of Bilingual and Visual Didactic Terminography (Portuguese/Libras) as a consultation tool and memory support for high school curricular terms, thus aiding in the linguistic autonomy of deaf students. The research arises from the gap in adequate terminological materials, which hinders linguistic mediation and the comprehension of specialized concepts by deaf students. The methodology adopted a Descriptive Case Study to analyze a Terminological Glossary (TG), a technical product developed by the researcher based on her experience as an interpreter. The*

analysis of the microstructure was supported by Cabré's Communicative Theory of Terminology (CTT) and Vygotsky's Semiotic Mediation. The results showed that the TG constitutes an effective semiotic instrument through triple encoding, encompassing the Cognitive Component, the Linguistic Component, and the Sociocommunicative Component. Finally, it is concluded that the TG, by consolidating curricular knowledge in an accessible and visual way, holds promising potential in reducing the cognitive gap and strengthening the linguistic and social autonomy of the student, while also optimizing the preparation and terminological precision of the teacher-interpreter.
Keywords: *Bilingual Didactic Terminography; Libras; Communicative Theory of Terminology (CTT)*

1. Introdução

A interpretação e a tradução da língua portuguesa para a Libras relacionadas aos conteúdos curriculares do ensino médio enfrentam uma rotina de preparação marcada pela constante escassez de materiais terminológicos adequados. Esta lacuna não apenas dificulta o trabalho do professor intérprete, mas principalmente o entendimento dos conceitos disciplinares por parte do aluno surdo.

Na rotina de estudos é muito comum que estudantes consultem palavras (léxico) desconhecidos em dicionários da sua língua para compreender seus significados e é mais comum ainda a consulta em dicionários bilíngues quando estes estudantes estão aprendendo uma língua adicional. Há também dicionários terminológicos que tratam de termos específicos de uma determinada área de conhecimento, termos técnico-científicos e podem ser consultados por profissionais ou estudantes da área, assim como por qualquer pessoa que se interesse pelo assunto específico.

O problema que surge é que o léxico especializado, como os termos de biologia, física, história, entre outros nos currículos escolares, exige uma correlação precisa e visual entre o termo em português, o sinal-termo correspondente em Libras e o seu significado conceitual, algo que os livros didáticos e dicionários de língua geral nem sempre fornecem. Para chegar a essa lacuna, o trabalho como intérprete educacional foi o ponto chave, pois ao traduzir alguns conceitos durante as aulas, foi percebido que o aluno surdo tinha dificuldade no entendimento destes conceitos, desse modo, além do trabalho de interpretação era necessária uma contextualização do conceito, uma explicação do que aquele sinal poderia representar. Isso causava atraso tanto na interpretação, quanto no acompanhamento das explicações no decorrer da aula. Desse modo, alguns termos que causavam estranhamento ao aluno surdo foram anotados para posterior desenvolvimento do trabalho terminográfico.

É comum que profissionais da área acabem desenvolvendo materiais de apoio próprios e esses recursos são criados para consolidar, em um único local, o vocabulário-chave das disciplinas. Tal prática, embora empírica, reflete uma necessidade clara de organizar o léxico especializado das disciplinas curriculares de forma didática e visual. Desse modo, o material desenvolvido consiste em entradas que associam a palavra escrita em língua portuguesa, a imagem do sinal-termo em Libras e ilustrações contextuais, em que esses três componentes juntos atuam como um importante recurso de consulta e apoio à memória do estudante surdo.

Considerando a relevância desses recursos práticos, o presente trabalho se propõe a analisar teoricamente a sua construção. Assim, surge a questão central que busca responder qual o potencial da terminografia didática bilíngue e visual – português/Libras para atuar como ferramenta de consulta e apoio à memória de termos curriculares do ensino médio, auxiliando na autonomia linguística do estudante surdo?

Para responder a essa pergunta, o trabalho objetiva analisar o processo metodológico de criação de um glossário terminográfico visual ancorados na Teoria Comunicativa da Terminologia de Maria Tereza Cabré (Apud Viana Azevedo, 2019) e na Terminologia Científica (Pontes, 1997), na Terminografia Didático-Pedagógica proposta por Bonqueves Fadanelli (2018), do qual será apresentado uma amostra feita pela autora e o seu potencial didático como recurso de apoio a interpretação e à aprendizagem de conceitos curriculares do ensino médio a partir da Mediação Semiótica ancorada em Vygotsky (2011). Por último e não menos importante, os aspectos da Libras como orientadora para o público alvo e dos objetivos a serem alcançados serão entendidos com base em Quadros e Karnopp (2004).

Metodologicamente, a pesquisa se ancora na abordagem qualitativa e descritiva. Trata-se de uma pesquisa aplicada, pois se baseia na análise de um produto técnico, que é o glossário visual, desenvolvido a partir da experiência profissional da pesquisadora como intérprete de Libras. A análise será sustentada por uma revisão bibliográfica sobre terminologia didática e educação de surdos, e pelo estudo de caso descritivo da amostra do material, justificando suas escolhas metodológicas e seu potencial como ferramenta de consulta e apoio à memória. Especificamente, os objetivos se propõem a descrever o processo de elaboração do glossário, analisar a estrutura terminográfica proposta e discutir o impacto pedagógico desse material.

2. Referencial teórico

2.1. Teoria Comunicativa da Terminologia – terminologia, terminografia e terminografia didático-pedagógica

Segundo Cabré (apud Viana Azevedo, 2019, p.536), a terminologia é um conjunto de necessidades, um conjunto de práticas para resolver tais necessidades e um campo unificado do conhecimento. É importante ainda considerar alguns pontos que caracterizam a terminologia: ciência cujo objeto é linguístico e multidisciplinar; o que importa é o significado em uso atual dos termos e o sistema de conceitos (Pontes, 1997, p.46). Desse modo, as unidades terminológicas constituem os elementos da terminologia, onde o dicionário terminológico é planejado e feito com base em seus destinatários e suas necessidades específicas (Cabré apud Viana Azevedo, 2019, p.537). A distinção do termo para outros signos linguísticos, segundo Pontes (1997, p.47) é que sua extensão semântica se define antes pela relação com o significado do que com o significante. Ainda com base no autor, podemos dizer que o termo é um símbolo convencional veiculador de uma noção definida num certo domínio do saber. Inferimos dessa forma, que os termos priorizam o conteúdo conceitual sobre a forma (sonora, gráfica ou sinalizada), de modo que para os termos o significado, conceito ou noção, define sua extensão semântica mais do que o significante – que é a palavra ou o sinal – em si.

Alguns exemplos são os dicionários terminológicos da área da saúde, onde profissionais encontram unidades terminológicas relacionadas às diversas áreas da saúde, desde equipamentos, ferramentas, acessórios, doenças, medicamentos, entre outros, ou pode ser mais específico dentro dessa área limitando-se a uma dessas especificidades, como um dicionário terminológico cuja área temática são as doenças. As áreas de domínios do termo delimitam e definem a relação com significados pertencentes ao mesmo domínio. Para isso, a descrição das unidades terminológicas deve necessariamente englobar três componentes, sendo um cognitivo, um linguístico e um componente sociocomunicativo (Cabré apud Viana Azevedo, 2019, p.538).

Essa tríade compõe a base da Teoria Comunicativa da Terminologia, de Maria Teresa Cabré (apud Viana Azevedo, 2019). No componente cognitivo é necessário que as unidades terminológicas sejam organizadas a partir do tema, elas devem ocupar um lugar determinado dentro de uma estrutura conceitual e esse lugar estabelece seu significado específico que deve ser explícito e considerado propriedade da unidade. Como um componente comunicativo elas são flexíveis, adaptam-se ao discurso formalmente como uma unidade da língua e obedecem as regras gramaticais, morfológicas, lexicais e dessa maneira, são manipuladas por especialistas de seus campos. Na dimensão sociocomunicativa o termo é uma unidade de comunicação e

funcionamento social, sendo assim a comunicação real é quem dita as regras de como o termo deve ser tratado, de modo que a unidade terminológica não deve ser vista como uma etiqueta rígida de um conceito, mas como uma unidade de linguagem em uso.

Ainda segundo Cabré (apud Viana Azevedo, 2019, p.542) a Teoria Comunicativa da Terminologia pode ser representada por uma casa com diversas portas de entrada que levam aos cômodos, todas as portas dão acesso a esses cômodos, o que muda é o caminho percorrido ao escolher a porta e não o arranjo dos cômodos. Assim é representado o acesso múltiplo a unidade terminológica, sendo tanto pelo conceito do termo, quanto através das situações. Isso reflete as possibilidades de acesso às informações que o dicionário terminológico deve ter. Indubitavelmente, ele não pode ser inflexível quanto à organização dessas informações, aqui propostas por unidades temáticas, de modo a garantir ao aluno consulente que o caminho percorrido para chegar ao conceito seja o mais eficiente.

Desse modo, não se objetiva padronizar termos, mas torná-los acessíveis em contraste com a padronização proposta por Wugen (1898-1977), que foi um dos motivos que levou ao surgimento da TCT de Cabré ao entender que as unidades terminológicas fazem parte do léxico de uma língua e podem assumir o carácter de termo em função de seu uso em um determinado contexto, sendo assim seu conteúdo não é fixo, mas relativo. Diante disso, Krieger e Finatto (2004) afirmam que os aspectos comunicativos da linguagem especializada passam a ser valorizados (p.35) de modo que, o conhecimento especializado pode ser representado pelas terminologias de suas respectivas áreas, como a biologia, química ou a linguística (Krieger e Finatto, 2004, p.16) a depender do contexto de uso das unidades terminológicas valorizando os aspectos comunicativos e a função dos termos.

Inegavelmente, os termos têm como funções essenciais a representação e a transmissão de conhecimento (Krieger e Finatto, 2004, p.17) de determinadas áreas em contextos específicos de uso. Isso significa que, ao pensar em terminologia é importante considerar que ela não busca padronizar os termos, como foi idealizada por Eugen Wuster (1898-1977) na Teoria Geral da Terminologia (TGT), ela transcende o formalismo excessivo das expressões e é fundamental para a aprendizagem de novos conceitos através de glossários, dicionários técnico-científicos, banco de dados terminológicos e sistemas de reconhecimento automático de terminologias (Krieger e Finatto, 2004, p.20), sendo nesses casos uma face aplicada da terminologia, ou seja, terminografia. Entendemos a Terminologia como a área de estudos teórico e metodológico dos termos, já a Terminografia é entendida como a vertente aplicada da Terminologia, encarregada por elaboração de dicionários especializados (Alves Costa, 2015, p-.2). É na Terminografia que nos debruçamos

nessa pesquisa.

Os autores reforçam que os princípios metodológicos para o desenvolvimento desses instrumentos são estabelecidos pelos estudos terminográficos para a identificação das terminologias, o reconhecimento das variedades linguísticas e semióticas, os princípios de análise do funcionamento dos termos e o seu registro (Krieger e Finatto, 2004, p.50). Diante disso, a escolha de qual ferramenta será desenvolvida está diretamente relacionado a sua finalidade específica, ao público que busca atender e como será apresentado, podendo ser através de um glossário que possui unidades lexicais, suas definições e demais especificações sobre seus sentidos limitadas a uma especialidade. Podendo também ser através de um dicionário terminológico que possui uma cobertura exaustiva de itens lexicais, seus conceitos e informações linguísticas relacionados a um domínio específico. Ou ainda, através de um banco de dados terminológicos, onde contém uma lista de termos e um repertório de termos em uma estrutura informatizada.

Independentemente de qual ferramenta será produzida, torna-se imperativo a observação dos significados de cada termo em uso real, pois, como afirmam Krieger e Finatto (2004) um item lexical utilizado em diálogos cotidianos pode assumir o papel de termo especializado a depender do contexto (p.80), sendo assim as unidades terminológicas integram-se aos processos discursivos, de modo que a natureza do termo tende a se ampliar para além da compreensão como unidade de conhecimento, para uma face linguística e integração aos sistemas linguísticos. A partir disso, entende-se que há a necessidade de uma análise abrangente de termos na construção terminográfica onde a linguagem especializada deve ir além de uma observação de palavras isoladas.

Não obstante, no ensino de conteúdos específicos os termos elaborados em um trabalho terminográfico, como um glossário especializado, podem auxiliar os aprendizes a compreender unidades lexicais temáticas que compõem os conteúdos abordados no ensino médio, visto que estes podem ser complexos para o entendimento dos alunos nos materiais didáticos comuns. Dessa forma, a elaboração de um glossário especializado para esses conteúdos torna-se fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem e a autonomia dos estudantes. Por isso, conhecer os estudantes e suas dificuldades é uma etapa primordial, pois a elaboração de um glossário terminológico pressupõe uma análise cuidadosa do público-alvo final, ao passo que é a partir dessa análise que o acesso a macroestrutura e a elaboração da microestrutura dos verbetes devem ser pensadas (Fromm, 1978 p.774).

Nesse sentido, Cabré (Apud Fromm, 1978 p.764) lembra que, com base na Teoria Comunicativa da Terminografia (TCT), cada trabalho concreto adota uma estratégia em função da sua temática, objetivos, contexto, elementos implicados e recursos disponíveis. Desse modo,

voltamos o trabalho terminográfico para o contexto educacional, especificamente no ensino médio, pois como nos lembra Bonqueves Fadanelli (2018), ainda que o professor traduza os termos, os alunos ainda não dominam sua função e seu significado (p. 2) para compreender seu uso e contextualizar como uma nova aprendizagem.

Ainda, com base em Bonqueves Fadanelli (2018), objetivamos uma proposta metodológica onde o objetivo é planejar e confeccionar produtos que auxiliem o professor em seu desenvolvimento de material e ferramentas adequados às necessidades dos aprendizes de um domínio técnico específico, ou seja uma Terminografia Didático-Pedagógica (p. 5). Entendemos que nos trabalhos diários e contato com os alunos é possível identificar suas dificuldades e direcionar a produção de um material que atenda as demandas de aprendizagem dos alunos. Corroborando Bonqueves Fadanelli (2018) na metodologia aqui proposta, é de suma importância para o processo identificar os textos que o professor precisará trabalhar com os alunos, textos estes que farão parte da vida profissional destes estudantes de uma área em específico (p.9). Essa é uma tarefa diagnóstica inicial para compreensão do que será necessário abordar, como abordar e após esse primeiro passo é que o professor será capaz de selecionar e produzir os termos necessários para auxílio da aprendizagem.

2.2. A visualidade da Libras e a terminografia bilíngue

O foco da produção terminográfica deste estudo se concentra na abordagem viso-espacial considerando que o público para o qual se destina são alunos surdos que cursam o ensino médio e que se comunicam através da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Quadros e Karnopp (2004) explicam que as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual, pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos (p.47). Sendo assim, é importante levar em consideração a visualidade da Libras ao preparar o material terminográfico, pois as autoras esclarecem que as diferenças fonéticas e fonológicas entre as línguas orais e a Libras diz respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das Línguas. Ainda, segundo as autoras, a Libras possui três aspectos principais, ou parâmetros que não carregam significados isoladamente, sendo eles a Configuração de Mão (CM), a Locação da Mão (L), o Movimento da Mão (M) (p. 48), as expressões não-manuais (expressão corporal e facial) e a orientação da mão. Estes parâmetros são as unidades mínimas (fonemas) que constituem morfemas nas línguas de sinais (p. 49) e é a partir deles que podemos representar o léxico da Libras, ou seja, os sinais com significados.

Gesser (2009) explica que a CM diz respeito à forma da mão, a orientação da palma da

mão indica a direção que a palma da mão aponta na realização do sinal, a locação se refere ao lugar onde o sinal é realizado e o movimento, que pode estar ou não presente nos sinais (p.17) é o movimento que a mão faz ao realizar o sinal. A autora acrescenta que as expressões faciais são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua (p.18), de modo que é um recurso que traz riqueza de informações à sinalização comunicativa e deve ser utilizada como parâmetro fundamental da Libras.

Levando em consideração o contexto ao qual este trabalho propõe atuar, que é o contexto de ensino e aprendizagem de conceitos a partir da terminografia bilíngue, Gesser (2009) nos diz que os sinais não são gestos, assim é correto afirmar que as pessoas que falam línguas de sinais expressam sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos (p. 23). Sendo assim, os sujeitos surdos tanto expressam e comunicam nas línguas de sinais, quanto aprendem e percebem o mundo ao redor. Desse modo, a construção terminográfica utilizando a Libras e a visualidade se constitui como um importante canal para o conhecimento terminológico de o léxico de uma determinada área de estudo.

Vale destacar que as línguas possuem ambiguidade em relação aos significados, como explicam Quadros e Karnopp (2004, p.22) que o "significado" ou "significados" de uma expressão linguística apresentam características comuns compartilhadas entre os utentes de uma língua e para evitar que os significados se percam do que é objetivado na produção terminológica, uma descrição semântica poderá ser feita ao nível da palavra, da frase e, ainda, do discurso (Quadros e Karnopp, 2004, p. 22). Sabendo disso, entendemos que uma característica do termo é o fato de, para uma dada noção, haver uma denominação apenas, fundamentada no postulado da Terminologia que consiste no princípio da univocidade entre denominação e conceito (Pontes, 1997, p. 47). Em outras palavras, parte-se da ideia de que cada conceito especializado deve ter apenas um termo, e cada termo deve corresponder a um único conceito. Para isso, idealmente, não existiriam sinônimos nem variações para o mesmo conceito técnico, pois seria escolhida uma forma preferencial e ela seria sempre usada, sem polissemia, homonímia ou sinonímia dentro daquele sistema terminológico.

Ainda sobre esse aspecto, as línguas possuem arbitrariedade entre forma e significado, de modo que as palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma é impossível prever o significado e dado o significado é impossível prever a forma (Quadros e Karnopp, 2004, p. 26). Desse modo, buscamos manter no GT o significado específico dos termos estudados no contexto dos conteúdos curriculares apresentados nas aulas, de modo que o conceito ocupa um lugar central porque é o conteúdo do termo e a unidade do conhecimento.

Sobre a construção do GT, ancorados em Gesser (2009) afirmamos a importância da construção de um glossário terminológico bilíngue (português/Libras) para o ensino e aprendizagem de alunos surdos como uma oportunidade de acesso a uma escola que reconheça as diferenças linguísticas (p. 57) presentes em sala de aula, isso porque a incorporação das línguas de sinais é imprescindível para assegurar condições mais propícias nas relações Intra e interpessoais que, por sua vez, constituem o funcionamento das esferas cognitivas, afetivas e sociais dos seres humanos (p.59). É na análise dessa interface entre linguagem e o desenvolvimento cognitivo que o presente trabalho se aprofunda a seguir, buscando as bases teóricas para a mediação do conhecimento.

2.3. Mediação Semiótica e Aquisição de Conceitos na Educação Bilíngue de Surdos

A aquisição de conceitos não é concreta quando se baseia em exposição de conteúdos para sujeitos passivos. Segundo Vygotsky (2011) é preciso que o intelecto seja estimulado, proporcionando-lhe uma série de novos objetos para que o seu raciocínio consiga atingir estágios mais elevados (p.73). Desse modo, a formação de conceitos pode ser considerada como uma função de crescimento social e cultural estando imbricada nas relações intrínsecas entre as tarefas externas e a dinâmica do desenvolvimento do sujeito. É nesse ponto que se insere a mediação semiótica, onde a linguagem e os signos se tornam instrumentos psicológicos essenciais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

O Glossário Terminológico (GT) aqui proposto leva em consideração a visualidade necessária pela especificidade da surdez, o conteúdo relacionado ao conceito para sua identificação e o léxico correspondente, pois Vygotsky (2011) explica que o novo e significativo uso da palavra, a sua utilização como um meio para a formação de conceitos, é a causa psicológica imediata da transformação radical por que passa o processo intelectual (p.73).

Cabe aqui explicitar que, como o GT é proposto para o ensino e aprendizagem de alunos surdos, o léxico é formado tanto com o sinal em Libras (a L1, mediadora do pensamento), quanto com a palavra em língua portuguesa (a L2, responsável pelo acesso ao termo especializado), utilizando a imagem como elemento de ancoragem para o conceito. Para tanto, nos basearemos no Sistema de Transcrição de Sinais propostos por Quadros e Karnopp (2004) em que os sinais foram representados por palavras portuguesas em letras maiúsculas para efeito de simplificação (p.38), caso elas apresentem informações sobre uso de classificadores ou intensificadores dos sinais, as Glosas terão o uso de < > para separar as informações. Assim, o GT funciona como um instrumento semiótico que facilita a internalização do conceito curricular.

Para a elaboração do GT, o contato do professor com os alunos previamente é importante para uma avaliação diagnóstica do conhecimento prévio dos alunos, pois para que um conceito seja ensinado, segundo Vygotsky (2011), a relação com um objeto é mediada, desde o início, por algum outro conceito, de modo que os conceitos científicos são aprendidos e depois são transferidos para os conceitos cotidianos, o que muda a sua estrutura psicológica de cima para baixo (p.116). Sendo assim, é importante a contextualização a partir da mediação do professor, da Libras, dos recursos visuais e da palavra em português escrito desse novo conceito para que seus significados façam sentido na vida do estudante e ele os incorpore em seu conhecimento. Vygotsky (2011) acrescenta que os conceitos novos e mais elevados, por sua vez, transformam os significados dos conceitos inferiores, de modo que a nova estrutura gradualmente se expande para os conceitos mais antigos (p.143). Isso significa que um conceito novo não substitui um conceito anteriormente adquirido, mas o modifica a partir das suas relações com o novo conceito aprendido, isso é chamado por Vygotsky (2011) de relações de generalidade entre conceitos.

3. Metodologia

Como mencionado na Introdução, este trabalho é uma pesquisa qualitativa, sendo sustentada por uma revisão bibliográfica sobre terminologia didática e educação de surdos, e pelo estudo de caso descritivo da amostra do material que busca responder à pergunta: qual o potencial da terminografia didática bilíngue e visual – português/Libras para atuar como ferramenta de consulta e apoio à memória de termos curriculares do ensino médio, auxiliando na autonomia linguística do estudante surdo? Para responder esse questionamento, alguns objetivos específicos foram traçados, como descrever o processo de elaboração do glossário, analisar a estrutura terminográfica proposta e discutir o impacto pedagógico desse material.

O primeiro objetivo específico se dedica a descrever o processo de elaboração do glossário especializado com base na TCT. Desse modo, nos interessa aqui a escolha do domínio que o glossário especializado está relacionado, ou seja, a disciplina e os conteúdos curriculares que formam o corpus com base na identificação do público-alvo do glossário, que são aprendizes surdos. Importante salientar que, por ser um trabalho terminográfico, na microestrutura priorizamos a forma preferencial do termo com a grafia e o sinal em Libras de modo equivalentes, a definição terminológica apresentada em forma de imagem, sendo assim, o material prioriza conceitos que

causam dificuldades de entendimento ou que podem causar uma lacuna terminológica na interpretação.

Compreendemos ser importante diferenciar os métodos da Terminologia e da Lexicologia, pois se distinguem no que diz respeito ao percurso. A metodologia lexicológica segue um percurso semasiológico, no sentido em que toma como ponto de partida uma forma linguística para explorar-lhe os seus valores semânticos (Pontes, 1997, p.46). Estes métodos diferenciam os trabalhos com base em seus objetivos e o público-alvo ao qual é destinado. Com base no entendimento de Pontes (1997, p.46) seguimos pela metodologia terminológica em que é de carácter onomasiológico e consiste em procurar que uma "denominação represente tal noção", de modo que o terminólogo é levado a escolher ou a fixar uma denominação ou mesmo criar uma denominação para um conceito. Assim sendo, pelo seu carácter onomasiológico, o GT garante as várias portas de entrada para um conceito como defendido por Cabré (Apud Viana Azevedo, 2019).

Os métodos para o trabalho terminológico foram a escolha do domínio e da língua de trabalho, a delimitação do subdomínio, consulta à existência dos termos nas línguas escolhidas, coleta de informações, coleta e classificação dos termos.

Para a construção do GT com os termos já definidos, foram tiradas fotos da intérprete, essas fotos demonstravam visualmente o sinal utilizado em aula, ou os sinais usados sequencialmente para determinados conceitos. Pensando em como deixar o GT atrativo para um aluno do ensino médio, as fotos foram editadas e transformadas em ilustrações, mantendo as características dos parâmetros da Libras, principalmente as expressões faciais.

A análise da macroestrutura demonstra como as unidades terminológicas estão organizadas no glossário seguindo os critérios de ordenação, aqui sendo por campo temático, uma escolha que facilita a visualização hierárquica dos conceitos do Ensino Médio. Ainda nesse ponto, buscamos evidenciar o acesso múltiplo ao glossário de modo fácil e rápido para o aluno. A análise da microestrutura busca evidenciar a manifestação dos três componentes da TCT que sustentam este trabalho, sendo eles o componente cognitivo através da definição e do conceito, o componente linguístico representado pela forma em português e pelo sinal-termo em Libras e o componente sociocomunicativo que é verificado pelo uso do sinal em Libras no contexto bilíngue real ao qual o aluno surdo está inserido. Ainda na microestrutura, os verbetes seguem a constância de informações para a obra que, nesse caso, as definições imagéticas objetivam manter a lógica por

assunto. Ou seja, ao definir um sinal-termo[1], as imagens se mantém em um mesmo padrão de organização e em uma mesma área de domínio, o que garante coerência conceitual entre os termos.

O impacto pedagógico será discutido a partir da lente da Terminografia Didática, na relação que ela proporciona ao transformar o termo especializado em um recurso acessível e pedagógico, cumprindo a função de auxiliar o aluno na aquisição de conceitos científicos com base em Vygotsky. O debate ainda será estendido à Mediação Semiótica, discutindo como o potencial de consulta do glossário, com sua visualidade e a consolidação das informações em um único recurso, facilitam a autonomia e o apoio à memória do estudante surdo.

4. Resultados e discussão

O delineamento diagnóstico, fundamentado na prática da pesquisadora e em consonância com Bonqueves Fadanelli (2018), empregou a observação-participante e a análise das dificuldades conceituais manifestadas pelo estudante em sala de aula para delimitar o corpus de termos com lacunas conceituais e terminológicas. O contato diário com o aluno surdo evidenciou lacunas onde a interpretação em Libras não era suficiente para a aprendizagem dos conceitos estudados por serem conceitos com maior nível de complexidade. Diante disso, a Terminografia Didática emergiu como uma estratégia para a construção do GT, um instrumento semiótico de consulta visual, que oferece suporte a memória e à continuidade da aprendizagem.

4.1 Definição do domínio que compõe o GT

Inicialmente, foi definido o domínio para a construção do GT, ou seja, as disciplinas que abordavam em seus currículos conceitos complexos e de maior dificuldade de entendimento e aprendizagem. Para o corpus, foram selecionados conceitos abstratos relacionados ao tema de interesse do aluno. Nesse caso, os termos envolvem as disciplinas do Itinerário Formativo que a escola oferece como um conhecimento técnico, onde especificamente, são disciplinas voltadas ao Agronegócio. Esse é um ponto fundamental desse trabalho, visto que essas disciplinas envolvem o contexto regional, que é desenvolvido maioritariamente por atividades agroindustriais e é o

[1] Sinal-termo. 1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira. (FAULSTICH, 2014).

contexto ao qual o aluno surdo está inserido, pois ele atua nessa área. Sendo assim, a escolha por essas disciplinas se justifica no interesse do aluno em adquirir conceitos que poderão ser aplicados em seu dia a dia na sua rotina de trabalho.

Listamos a seguir os termos selecionados:

- Agroindústria
- Cadeia produtiva
- Commodities
- Matéria-prima

Traremos nessa amostra também, alguns termos relacionados às disciplinas curriculares da área de Ciências Humanas, como História, Filosofia e Sociologia porque envolvem termos de conceitos mais abstratos que fazem parte do contexto social:

- Discriminação
- Opressão

Os termos aqui apresentados foram organizados no GT a partir do campo temático porque são conceitos abordados em sala de aula durante a apresentação das disciplinas individualmente. Sendo assim, o aluno pode consultar os termos no GT com base em seus interesses e necessidades relacionadas à essas disciplinas específicas de modo restrito ao que já foi apresentado para evitar confusão na relação entre o conteúdo e a disciplina. Essa organização por campo temático, alinhada com os princípios da TCT, facilita o acesso cognitivo aos conceitos e permite que o aluno visualize a hierarquia conceitual dentro de cada disciplina.

Vejamos uma amostra de como os termos apresentados foram organizados no GT[2], primeiramente pelas abreviações:

CM: Configuração de mão

Cl: Classificadores

+,++: Intensidade das expressões não-manuais

Assim como as abreviações, também foram adicionadas ao GT palavras-chave conceituais que auxiliam a delimitação do domínio do termo.

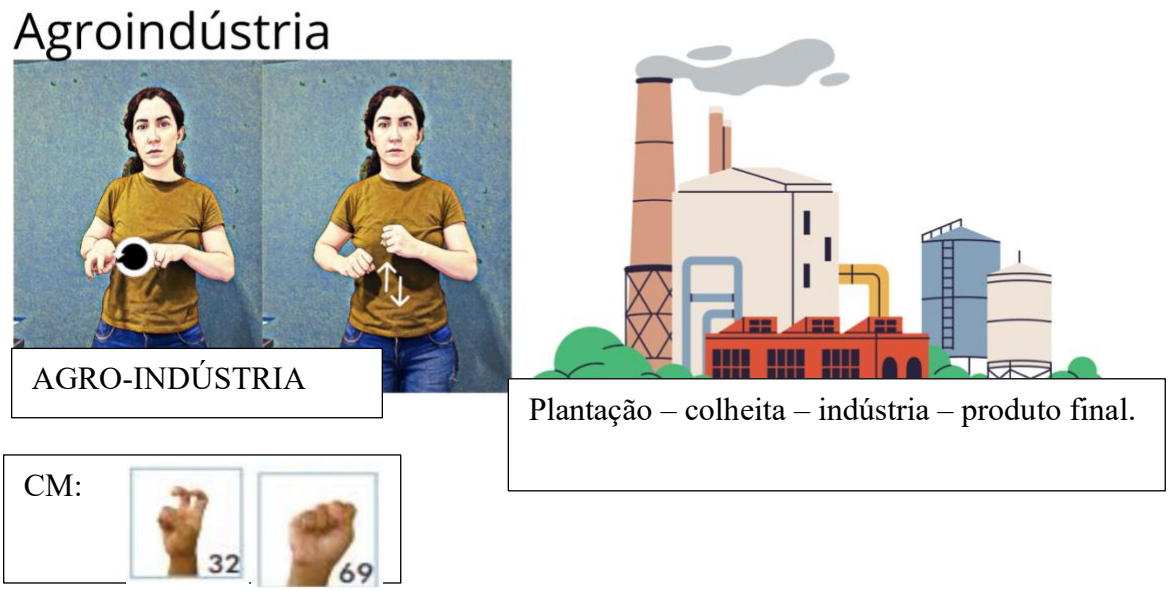
[2] Devido ao foco deste trabalho ser a análise de um produto técnico já desenvolvido para fins didáticos e não a criação de um banco de dados normativo, o processo de elaboração do GT não incluiu a criação de fichas terminológicas extensas, idealizadas por Eugen Wüster na Teoria Geral da Terminologia (Krieger e Finatto, 2004). Em vez disso, a unidade de análise concentra-se diretamente na microestrutura do verbete, sendo constituída pelo sinal-termo em Libras, entrada em português e a imagem conceitual, que atua como a ficha minimalista e visual necessária para o acesso rápido e autônomo do estudante surdo.

As imagens carregam informações fundamentais para o entendimento dos significados e a construção do conceito, desse modo elas foram inseridas como um elemento primordial.

O termo foi pensado para representar o conceito tanto em Libras, quanto em língua portuguesa, sendo assim, a imagem do sinal foi inserida juntamente com a palavra escrita em português e a Glosa em Libras. Ainda sobre a Libras, foram adicionadas as configurações de mão da mão dominante na realização do sinal.

- Termos do Itinerário Formativo Agronegócio

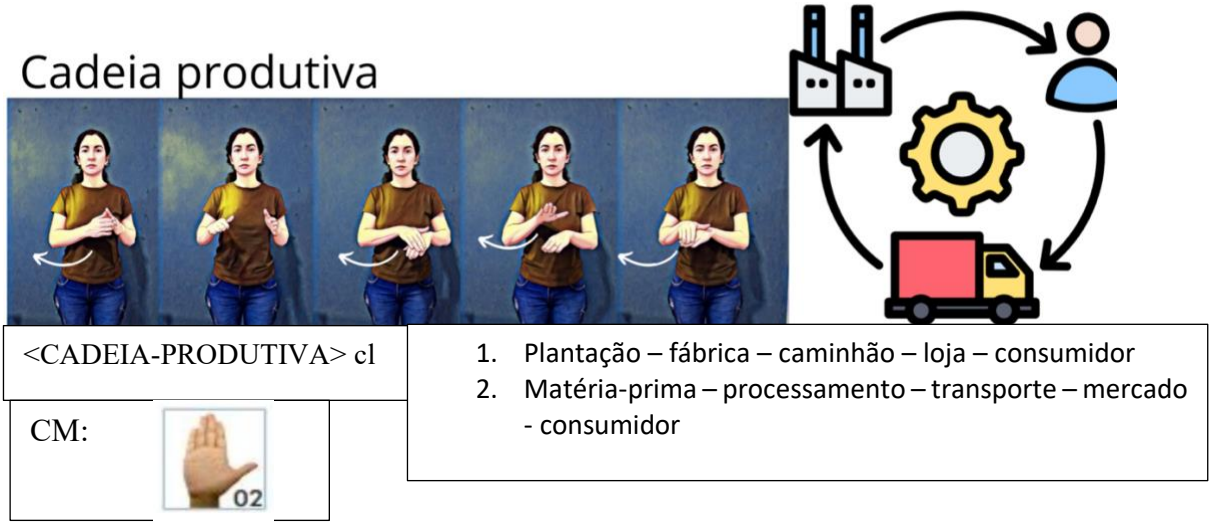
Figura 1 – Sinal-termo "Agroindústria"



Fonte: compilação feita pela autora.[3]

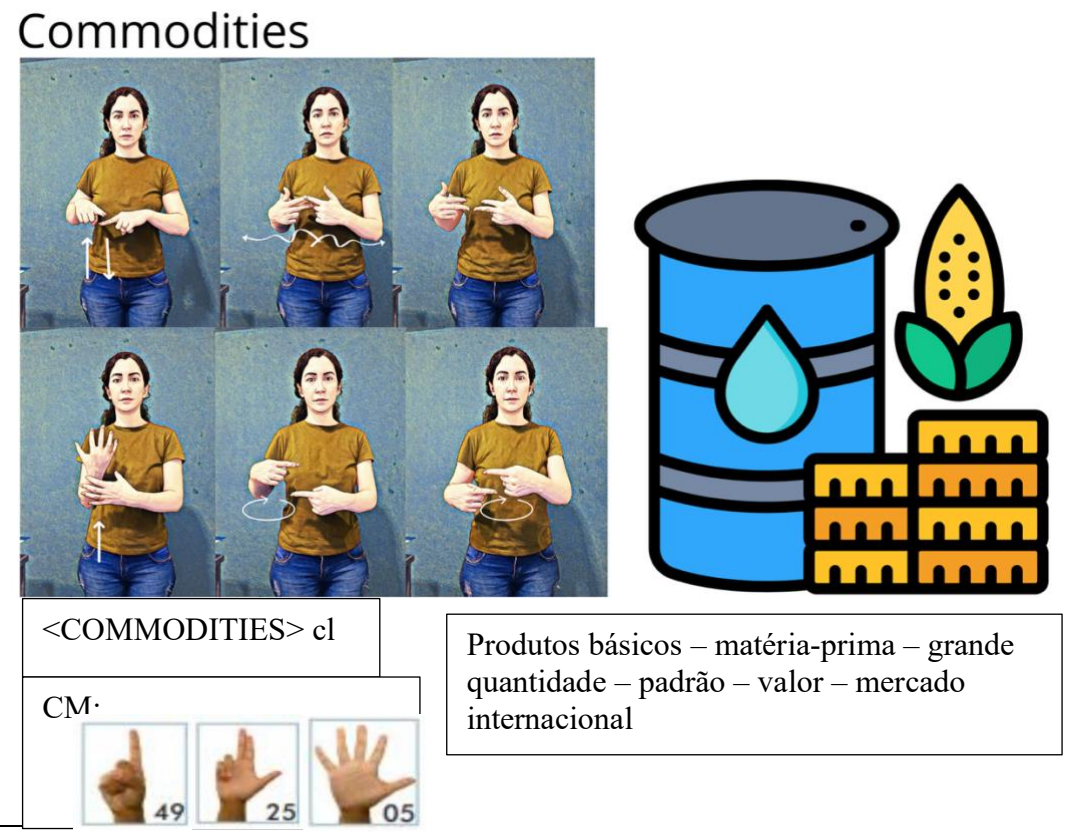
[3] Montagem feita pela palavra em português, fotos tiradas pela autora e imagem criada por Goodstudio via *Canva.com. As imagens das configurações de mão são do INES distribuído via Gov.br.*

Figura 2 – sinal-termo "Cadeia Produtiva"



Fonte: Compilação feita pela autora.[4]

Figura 3 – sinal-termo "Commodities"



[4] Montagem feita pela palavra em português, fotos tiradas pela autora e imagem criada por Spectaicons via *Canva.com*. *As imagens das configurações de mão são do INES distribuído via Gov.br.*

Fonte: Compilação feita pela autora.[5]

- Termos das disciplinas curriculares da área de Ciências Humanas

Figura 4 – sinal-termo "Discriminação"

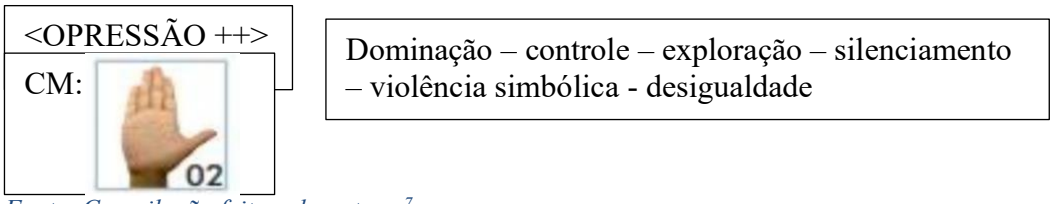


Fonte: Compilação feita pela autora.[6]

Figura 5 – sinal-termo "Opressão"

[5] Montagem feita pela palavra em português, fotos tiradas pela autora e imagem criada por Kliwir Art via *Canva.com. As imagens das configurações de mão são do INES distribuído via Gov.br.*
[6] Montagem feita pela palavra em português, fotos tiradas pela autora e imagem criada por Prosymbol via *Canva.com.*





Fonte: Compilação feita pela autora.[7]

4.2. Componente Cognitivo através do conceito e da imagem

A partir da análise da amostra, podemos observar a presença dos três componentes básicos da TCT proposta por Cabré e o primeiro deles é o componente cognitivo. Esse componente está relacionado ao conceito e a forma em que ele é apresentado e nas amostras do GT, observamos que a entrada é apresentada com imagens que podem referenciar a definição. Num primeiro momento, apenas as imagens tornam-se insuficientes para representar o conceito de forma abrangente, com todos os significados possíveis relacionados ao termo. Em contrapartida, esse glossário não foi pensado para substituir a mediação do professor em sala de aula, mas como um material de suporte às especificidades do aluno surdo.

Na figura 1, a imagem busca definir ao termo "Agroindústria", para representar esse conceito foi escolhida uma imagem que mostra uma indústria voltada ao setor agro, com grandes silos para armazenamento de matéria-prima. Essa imagem foi usada porque se assemelha com as agroindústrias presentes na região, sendo, portanto, um signo icônico auxiliando na mediação semiótica (Vygotsky, 2011).

Já na figura 2, a entrada "Cadeia Produtiva" possui um signo arbitrário, mas tenta trazer iconicidade para um conceito abstrato de modo semiótico como um signo simbólico. Na imagem, os significados são expostos com um caminhão, uma pessoa e uma indústria em um

[7] Montagem feita pela palavra em português, fotos tiradas pela autora e imagem criada por Prosymbol via *Canva.com.*

ciclo tendo no centro uma engrenagem. Essas informações representam significados que, a partir de modo esquemático, demonstram o ciclo contínuo de trabalho entre indústrias, logísticas e o homem formando uma engrenagem que mobiliza toda a cadeia produtiva, que no contexto da disciplina, está relacionado ao agronegócio. Desse modo, a imagem exige do aluno um maior esforço cognitivo para conceituação, mas é essencial para a aquisição de conceitos científicos complexos (Vygotsky, 2011) relacionados a sua área de estudo. Tanto a figura 1, quanto a figura 2 possuem um padrão visual (significante) relacionado aos significados da área do Agronegócio, assim como as cores que envolvem as imagens em Libras e os referenciais imagéticos de significados.

O termo "Discriminação" (figura 4) possui conceito abstrato, mas a imagem escolhida para representar os significados é concreta. Isso porque, a imagem traz vários componentes semióticos que carregam significados conhecidos socialmente de modo narrativo e contextual, como o círculo vermelho com um risco o cruzando, por trás disso existe a imagem de uma pessoa em cadeira de rodas. Sendo assim, pode significar algo proibido, inaceitável, um *não* relacionado a alguém que utiliza cadeira de rodas. A imagem traz também uma pessoa que utiliza cadeira de rodas, nesse caso possivelmente é uma pessoa impossibilitada de andar tentando acessar o ambiente e a frente dela, está uma pessoa em pé com a mão estendida na posição de "pare". Essa imagem carrega significados profundos em relação à discriminação, podendo demonstrar um ambiente de trabalho que não aceita pessoas com deficiência como colaborador.

Como visto, o GT atende a diferentes níveis de abstração conceitual, de modo a garantir o suporte a memória e a autonomia do estudante. Isso é possível porque as estratégias semióticas proporcionam aprendizagem a partir dos recursos visuais que são fundamentais para a internalização dos conceitos por alunos surdos, pois a modalidade de aquisição de linguagem é visuo-espacial (Quadros e Karnopp, 2004). Esse material aliado a mediação docente e ao uso da Libras proporciona aprendizagem com significado e participação do aluno como protagonista, pois o estimula a reflexão para o entendimento conceitual.

4.3. Componente linguístico

O componente linguístico do GT se manifesta a partir dos sinais-termos em Libras e os termos escritos em língua portuguesa juntamente com os demais componentes presentes na entrada, tal qual ele é utilizado dentro daquele conceito, significado e contexto. Nesse aspecto, o

termo em português “Cadeia produtiva”[8] não foi apresentado de modo isolado, separando os termos em “Cadeia” e “produtiva” porque não é o conceito de *cadeia* isoladamente que interessa, visto que esse pode apresentar vários significados. De acordo com o dicionário online Michaellis, o termo *cadeia* pode conter até 19 acepções, como correntes formadas por elos, local de reclusão, opressão e falta de liberdade, entre outros. Ainda segundo o dicionário online, a entrada pode apresentar 36 expressões com o léxico *cadeia* e, entre todos os significados apresentados, nenhum condizia ou se aproximava ao conceito de “Cadeia produtiva”.

Do mesmo modo, o termo “produtiva" de modo isolado não corresponde ao conceito apresentado em aula. Ao consultar o dicionário online Michaellis a respeito do termo “produtiva” o conceito não foi localizado, as sugestões remeteram a “produtivo”, que é o termo mais próximo do conceito pesquisado. O dicionário online apresentou 4 acepções ao termo “produtivo”, sendo elas: relativo a produção; que produz, frutífero, producente; de grande fertilidade, fecundo; que traz proveito ou que rende, rentável. Nessa mesma entrada, o sinal-termo em Libras foi pesquisado na internet para apresentar ao aluno, considerando o fato de já existirem alguns sinais que buscam definir o conceito, onde foram apresentados ao aluno para que ele pudesse escolher o que melhor satisfez seu entendimento em relação ao conteúdo que estava sendo estudado. De modo sucinto, as imagens do sinal-termo transmitem a ideia de algo sendo produzido de modo contínuo, repetidamente e aliando o sinal-termo à imagem é possível identificar as etapas por onde esse trabalho contínuo é realizado.

Como observado, nenhuma consulta com o termos isolados trouxe o conceito para o termo “Cadeia produtiva”, nem mesmo no dicionário online Michaelis (2025) esse termo está disponível como uma entrada para consulta. Isso reforça a necessidade de o termo estar escrito da maneira como é utilizado rotineiramente para que o aluno possa consultar, pois ao separar os termos eles perdem o significado ao qual foram ancorados durante as aulas. Esse achado valida a abordagem adotada na Terminografia Didática em detrimento da Lexicografia de língua geral. Explica-se isso conforme defendem Krieger e Finatto (2004), o GT precisa mapear o léxico de especialidade negligenciado pelos dicionários comuns, pois os termos têm como função essencial a representação e a transmissão de conhecimento específico (p.17). Ademais, o tratamento do termo “Cadeia Produtiva” como uma unidade composta juntamente com o sinal-termo em Libras estão alinhados com a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) de Cabré, que prioriza a

[8] A entrada “Cadeia Produtiva”, pode apresentar variações a depender do contexto específico ao qual se insere. Nesse estudo, buscamos manter o contexto passado pelo professor da disciplina e o termo específico utilizado em sala de aula. As variações não foram discutidas ou apresentadas ao aluno.

análise do termo em seu contexto de uso e funcionamento sociocomunicativo. A inclusão do sinal-termo em Libras e do termo em português no GT, portanto, garante o acesso à forma escrita necessária para o currículo, mas sempre atrelada ao conceito visual ao sinal em Libras reconhecendo que sua função só é plena dentro da tripla codificação semiótica que o glossário propõe.

4.4. Componente Sociocomunicativo

O componente sociocomunicativo no GT se manifesta a partir do sinal-termo em Libras[9] apresentado junto aos demais componentes cognitivos semióticos e linguísticos de modo a garantir o acesso universal à informação do conceito e seus possíveis significados na língua materna do aluno surdo. No contexto do ensino bilíngue, a Libras é o principal canal de comunicação e aprendizagem de estudantes surdos garantida pela Lei 10.436/2002 e pelo decreto 5.626/2005 como um direito linguístico que deve mediar a educação de pessoas surdas e, portanto, deve ser disponibilizada e utilizada nas escolas inclusivas.

O material estratégico do GT apresenta os sinais-termos em Libras relacionados ao conceito de modo que o aluno surdo reconheça o significado a partir da imagem do sinal associando ao material semiótico e ao termo em língua portuguesa escrita. A entrada "Commodities" (figura 3) demonstra como os sinais foram dispostos para gerar uma sequência de sinais/significados, já que o termo não possui um sinal-termo específico que caracterize o conceito. Para a realização desse termo, foram necessárias 6[10] imagens justapostas em sequência que trazem os significados de: objetos, substâncias ou materiais; diversos; surgir ou criar; produção. Esse contexto de busca por sinais que transmitam os significados para a formação de um conceito demonstra a complexidade da língua de sinais e exemplifica as características arbitrárias da língua, onde o conceito precisa ser construído a partir do entendimento das

[9] A decisão de apresentar o sinal-termo apenas através de imagens visuais, como as fotos e as ilustrações, e não utilizar sistemas de representação gráfica, como o SignWriting foi um ponto importante neste estudo de caso descritivo. Isso porque essa escolha metodológica foi realizada com base na análise do público-alvo, uma vez que o aluno consulente não possui domínio e demonstrou rejeição ao ser apresentado ao sistema de escrita. Nesse caso, priorizamos a modalidade natural visuo-espacial da Libras, facilitando a identificação imediata do sinal e garantindo a funcionalidade do GT como recurso de consulta e apoio à memória, sem adicionar um novo código de escrita nesse momento. Outrossim, entendemos que, para a pessoa surda, aceder à escrita em língua de sinais, conforme Stumpf (2005), significa incorporar uma ferramenta indispensável para qualificar o grau de participação na cultura e na sociedade. Desse modo, é altamente recomendável que trabalhos futuros na área da Terminografia Didática abarquem a ELS na microestrutura dos termos.

[10] Compreendemos que as imagens justapostas podem não transmitir com clareza o significado presente no conceito, porém, como mencionado anteriormente, o GT é um material para uso mediado pelo professor e pela língua de sinais. Desse modo, optou-se por manter as imagens estáticas ao glossário, de modo que, posteriormente, podem ser feitos vídeos dos sinais e acrescentá-los ao trabalho, sem prejuízo do material já produzido.

informações. Ainda na construção das informações em Libras, as imagens possuem setas brancas que indicam os movimentos que os sinais fazem. O rosto possui expressão neutra e os sinais são sequenciais, de modo a detalhar como são produzidos com o objetivo de levar a um entendimento do conceito.

O termo usado para exemplificar a construção visual da Libras traz informações semânticas a partir dos sinais escolhidos, que juntos transmitem a ideia de que "Commodities" são os produtos diversos oriundos das produções agropecuárias e agrícolas com valor capital. Essa definição não se resume, por si só, a partir das imagens que a compõe, mas a partir de todo o contexto sociocomunicativo disponível no GT, como as imagens, os termos em língua portuguesa e os termos em Libras, juntamente com o contexto escolar onde o conteúdo relacionado ao termo é aprofundado.

Ainda sobre a abordagem da Libras no GT, o termo representado pela figura 5 "Opressão" possui um sinal-termo em Libras correspondente, nesse caso não foi preciso fazer uma construção semântica, mas utilizar o sinal que já é conhecido na comunidade surda. A imagem do sinal-termo traz um componente muito importante para a comunicação em Libras que é a expressão facial. Esse é um dos parâmetros que compõem os sinais, sendo eles a configuração de mão, o local onde o sinal é realizado (ponto de articulação), o movimento do sinal, a direção da mão ao realizar o sinal e as expressões não-manuais, como a expressão facial e a expressão corporal. Nesse exemplo, o sinal possui uma expressão facial carregada de sentimento de desaprovação, desprezo e/ou raiva. Apesar de semanticamente ser uma imagem que denota algo negativo ela cumpre com seu papel ao evidenciar visualmente que o termo "Opressão" é abstrato e carrega valor sentimental e social imbricado em seu conceito. Reforçamos aqui a riqueza das línguas de sinais na transmissão das informações e a importância do uso na comunicação, socialização e aprendizagem significativa de alunos surdos.

Por meio da tripla codificação presente no GT, sendo a cognitiva (imagens e conceitos), a linguística (sinal-termo em Libras e português escrito) e a sociocomunicativa (através da Libras e dos recursos semióticos), o material se constitui como um instrumento semiótico (Vygotsky, 2011) de fácil consulta e apoio à memória do estudante surdo. Desse modo, o GT proporciona o desenvolvimento autônomo da aprendizagem, pois a apresentação visual explícita dos significados, junto ao sinal-termo em Libras, valida a Libras como língua de instrução e, concomitantemente, proporciona a aprendizagem da língua portuguesa escrita. Sendo assim, a análise converge para a conclusão de que o potencial da Terminografia Didática Bilíngue e Visual (português/Libras) para atuar como ferramenta de consulta e apoio à memória de termos

curriculares do ensino médio é promissor, auxiliando significativamente na autonomia linguística do estudante surdo. Isso se dá porque o GT, ancorado na Terminografia Didática, busca solucionar a dificuldade na conceituação de assuntos novos ou desconhecidos exprimidos através dos termos apresentados, permitindo que o professor diminua essas lacunas conceituais ao fornecer um recurso visual e bilíngue de apoio à aprendizagem.

O Glossário se configura como um importante recurso à memória e autonomia linguística ao proporcionar que o aluno consulte, visualize, aprenda e amplie os conhecimentos iniciados em sala de aula a qualquer momento. A disponibilização do GT de modo online, por meio de plataformas como o Google Drive, garante o acesso múltiplo e a consulta rápida e eficaz via smartphone ou computador, superando as limitações do material impresso. Essa viabilidade tecnológica reforça o potencial do GT como ferramenta sustentável para a educação bilíngue de surdos.

Além do impacto direto na aprendizagem do aluno, o GT, enquanto produto da Terminografia Didática proposta por Bonqueves Fadanelli (2018), se configura como uma ferramenta essencial também para o professor intérprete de Libras. Isso porque ao consolidar o léxico de especialidades, aqui demonstrados através dos termos de Agronegócio e Ciências Humanas, em um único recurso visualmente acessível, o material otimiza a preparação prévia do intérprete. Desse modo, reduz significativamente a necessidade de buscar por sinais avulsos e em tempo real durante a aula, o que eleva a precisão terminológica da interpretação e, consequentemente, a qualidade da mediação linguística. Portanto, o GT serve como um guia prático, mitigando as lacunas de vocabulário que historicamente dificultam o trabalho do intérprete e a compreensão do aluno.

Por outro lado, a aquisição de conceitos científicos depende diretamente da mediação semiótica, conforme postulado por Vygotsky (2011). Desse modo, para o estudante surdo, essa mediação é intrinsecamente bilíngue e visual, o que justifica o formato do GT ao propor uma metodologia de apoio ao aluno surdo que mantém a Libras (L1) como sua língua de pensamento e de estruturação cognitiva e fornece, ao mesmo tempo, o acesso ao português escrito (L2) como código formal do currículo. Acrescenta ainda a imagem (icônica ou simbólica), oferecendo a tripla codificação que atua na redução da distância cognitiva entre o conceito espontâneo do aluno e o conceito abstrato (Vygotsky, 2011). Destarte, a ferramenta assegura que a aquisição do termo especializado seja internalizada corretamente pois, segundo Quadros e Karnopp (2004) ao garantir que a mediação do novo termo seja feita com máxima fidelidade conceitual na língua natural do aluno, o GT evita que o estudante fique apenas com uma tradução superficial,

facilitando a transferência hierárquica dos conceitos e elevando a qualidade do processo de ensino aprendizagem.

Em síntese, o impacto pedagógico do GT transcende o mero apoio à memória e atinge o nível da autonomia linguística e social do estudante surdo, de modo que o material se configura como uma concretização do direito linguístico garantido pelo Decreto nº 5.626/2005 ao disponibilizar o léxico de especialidade em Libras, conforme defendido por Gesser (2009). Sobretudo, ao permitir a consulta rápida e autônoma via plataforma digital, o GT empodera o estudante para que ele se torne um sujeito ativo e protagonista na construção do seu conhecimento, diminuindo a dependência da mediação constante. Igualmente, a precisão terminográfica, alinhada com o contexto regional na área do Agronegócio, garante que o aluno adquira o vocabulário necessário não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para a inserção no mercado de trabalho, promovendo a plena cidadania linguística e social.

5. Considerações finais

O presente trabalho de Pesquisa Aplicada, ancorado na Terminografia Didática Bilíngue e Visual, buscou analisar o potencial do Glossário Terminológico (GT) como ferramenta de apoio à memória e à autonomia linguística de estudantes surdos no Ensino Médio. A análise descritiva da amostra demonstrou que o potencial do GT é altamente promissor, pois ele consegue solucionar a lacuna de recursos através de uma estrutura que respeita a especificidade cognitiva do aluno e o rigor conceitual dos conteúdos curriculares. A aplicação dos princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de Cabré, foi crucial para guiar o desenvolvimento do GT, que se manifesta na tripla codificação semiótica, sendo o Componente Cognitivo ancorado em Vygotsky, o GT utiliza imagens icônicas e simbólicas como instrumento semiótico, facilitando a formação de conceitos científicos complexos, como nos termos “Discriminação” e “Cadeia Produtiva”. Ainda na tripla codificação, o Componente Linguístico garante o acesso ao léxico de especialidade do português como L2, tratando termos como “Cadeia Produtiva” como unidades terminológicas únicas, não atendidas pela lexicografia geral. Por último, o Componente Sociocomunicativo valida o sinal em Libras como o legítimo equivalente terminológico (Gesser; Quadros e Karnopp), respeitando a modalidade visuo-espacial do aprendiz surdo.

Diante disso, o GT se configura como um recurso essencial que otimiza o trabalho do

professor intérprete de Libras, fornecendo uma base padronizada e consolidada que eleva a precisão terminológica da mediação em tempo real. Nesse caso, o acesso facilitado e visual ao glossário, mesmo em formato online via smartphone, representa um avanço na cidadania linguística e no fortalecimento da autonomia do estudante. Ao poder consultar, relembrar e internalizar os conceitos de forma independente, o aluno surdo é empoderado como sujeito ativo e protagonista do seu processo de aprendizagem, conforme preconizam os princípios da Educação Bilíngue no Brasil.

Em suma, ao estabelecer um modelo metodológico claro e replicável para a criação de recursos bilíngues de alta precisão, este TCC se configura como uma contribuição valiosa para a prática da Linguística Aplicada no contexto educacional brasileiro. Ele não apenas diagnostica uma lacuna, mas oferece um caminho concreto para a inclusão e a autonomia linguística e social de estudantes surdos.

6. Referência

Alves Costa, Lucimara. **Terminografia versus lexicografia especializada**: questões concernentes à produção de dicionários especializados e as bases teórico-metodológicas do dicionário de lexicografia brasileira. Debate Terminológico, n.13, p. 43-53, 2015. Disponivel em: https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/download/13_2015_04/pdf_11/252113 Acesso em: 15/12/2025.

BONQUEVES FADANELLI, S. **A terminografia didático-pedagógica e as sequências didáticas no ensino de leitura em esp**. The ESPecialist, *[S. l.]*, v. 39, n. 1, 2018. DOI: 10.23925/2318-7115.2018v39i1a2. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/30431 Acesso em: 18/10/2025.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 02/11/2025.

BRASIL. **Lei 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em: 29/10/2025.

CADEIA. In **MICHAELIS** dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo. Editora

Melhoramentos. 2025. https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cadeia/ Acesso em: 06/11/2025.

CANVA.COM. Disponível em: https://www.canva.com/templates Acesso em: 02/09/2025.
FAULSTICH, E. **Sinal-Termo**. Nota lexical. Centro Lexterm. 2014.

FROMM, G. **Por uma Terminografia Pedagógica**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), *[S. l.]*, v. 49, n. 2, p. 761–776, 2020. DOI: 10.21165/el.v49i2.2637. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2637 . Acesso em: 20/10/2025.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo. Parábola Editorial. 2009.

INES. **Alfabeto de Libras e Configurações de Mãos**. Disponível em : https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/todas-as-publicacoes/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos Acesso em: 15/12/2025.

KRIEGER, M. G. FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo. Contexto. 2004.

PONTES, Antônio Luciano. **Terminologia Científica**: o que é e como se faz. Revista de Letras, Fortaleza, v. 24 nº 1, p. 67-84, 2005. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/revletras/article/download/2090/1569/3495 Acesso em: 15/12/2025.

PRODUTIVO. In: **MICHAELIS** dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo. Editora Melhoramentos. 2025 https://michaelis.uol.com.br/palavra/yVk4m/produtivo/ Acesso em: 06/11/2025.

QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre. Artmed. 2004.

STUMPF, M. R**. Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting:** línguas de sinais no papel e no computador. Informática na educação: teoria & prática**,** Porto Alegre, v. 8, n. 2, 2005. DOI: 10.22456/1982-1654.9717. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/9717 . Acesso em: 13 nov. 2025.

VIANA AZEVEDO, D. N. **Teorias da terminologia**: Descrição, prescrição e explicação. Cadernos de Tradução, *[S. l.]*, v. 39, n. 3, p. 507–558, 2019. DOI: 10.5007/2175-7968.2019v39n3p507. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39n3p507 Acesso em: 22/10/2025.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo. Martins Fontes. 2011.